

Blog Universalista Holístico Serra da Mantiqueira

Natal- Vários Contos-III / Humberto de Campos-I

I- O Conquistador Diferente

Os Conquistadores aparecem no mundo, desde as recuadas eras da selvageria primitiva. E, há muitos séculos, postados em soberbos carros de triunfo, exibem troféus sangrentos e abafam, com aplausos ruidosos, o cortejo de misérias e lágrimas que deixam à distância. Sorridentes e felizes, aceitaram as ovações do povo e distribuem graças e honrarias, cobertos de insígnias e incensados pelas frases lisonjeiras da multidão.

Vasta fileira de escritores congrega-se-lhes em torno, exaltando-lhes as vitórias no campo de batalha. Poemas épicos e biografias romanceadas surgem no caminho, glorificando-lhes a personalidade que se eleva, perante os homens falíveis, à dourada galeria dos “Semi-Deuses”.

Todavia, mais longe, na paisagem escura, onde choram os vencidos, permanecem as sementeiras de dor que aguardarão os improvisados heróis na passagem implacável do tempo. Muitas vezes, contudo, não chegam a conduzir para o túmulo as medalhas que lhes brilham no peito dominador, porque a própria vida humana se incumbe de esclarece-los, através das sombras da derrota, dos espinhos da enfermidade e das amargas lições da morte.

Dario, filho de Histaspes, rei dos Persas, após fixar o poderio dos seus exércitos, impôs terríveis sofrimentos à Índia, a Trácia e à Macedônia, conhecendo, em seguida, a amargura e a derrota, à frente dos Gregos.

Alexandre Magno, o Macedônio, por tantos motivos e admirado na história do mundo, titulou-se geralíssimo dos Helenos, em plena mocidade e, numa série de movimentos militares que o celebrizaram para sempre, infligiu inomináveis padecimentos aos lares Gregos, Egípcios e Persas; todavia, apesar das glórias bélicas com que desafiava cidades e guerreiros, fazendo-se acompanhar de incêndios e mortícinos, rendeu-se à doença que lhe immobilizou os ossos em Babilônia.

Aníbal, o grande chefe cartaginês, espalhou o terror e a humilhação entre os romanos, em sucessivas ações heróicas que lhe imortalizaram o nome, na crônica militar do Planeta; contudo, em seguida à bajulação dos aduladores e à falsa concepção de poder, foi vencido por Cipião, transformando-se num foragido sem esperança, suicidando-se, por fim, num terrível complexo de vaidade e loucura.

Júlio César, o famoso general que pretendia descender de Vênus e de Anquises, constitui um dos maiores expoentes do engenho humano; submeteu a Gália e desbaratou os adversários em combates brilhantes, governando Roma, na qualidade de magnífico triunfador; no entanto, quando mais se lhe dilatava a ambição, o punhal de Bruto, seu protegido e comensal, assassinou-o, sem comiseração, em pleno Senado.

Napoleão Bonaparte, o Imperador dos Franceses, depois de exercer no mundo uma influência de que raros homens puderam dispor na Terra, morre, melancolicamente, numa ilha apagada, ao longo da vastidão do mar.

Ainda hoje, os “Conquistadores Modernos”, depois dos aplausos de milhões de vozes, após a dominação em que se fazem sentir, magnânimos para os seus amigos e cruéis para os adversários, espalhando condecorações e sentenças condenatórias, caem ruidosamente dos pedestais de barro, convertendo-se em “Malfeiteiros Comuns”, a serem julgados pelas mesmas vozes que lhes cantavam louvores na véspera.

Todos eles, Dominadores e Tiranos, passam no mundo, entre as púrpuras do poder, a caminho os mistérios do sofrimento e dos desencantos da morte. Em verdade, sempre deixam algum bem no campo das relações humanas, pelas novas estradas abertas e pelas utilidades da civilização, cujo aparecimento aceleraram; todavia, o progresso amaldiçoa-lhes a personalidade, porque as lágrimas das mães, os soluços dos lares desertos, as aflições da orfandade, a destruição dos campos e o horror da natureza ultrajada,

acompanham-nos, por toda parte, destacando-os com execráveis sinais.

Somente um único Conquistador houve no mundo, diferente de todos pela singularidade de sua missão entre as criaturas. Não possuía legiões armadas, nem poderes políticos, nem mantos de gala. Nunca expediu ordens e soldados, nem traçou programas de dominação. Jamais humilhou e feriu. Cercou-se de Cooperadores aos quais chamou “Amigos”.

Dignificou a vida familiar, recolheu crianças desamparadas, libertou os oprimidos, consolou os tristes e sofredores, curou cegos e paralíticos. E, por fim, em compensação aos seus trabalhos, levados a efeito com humildade e amor; aceitou acusações para que ninguém as sofresse, submeteu-se à prisão para que outros não experimentassem a angústia do cárcere, conheceu o abandono dos que amava, separou-se dos seus, recebeu, sem revolta, ironias e bofetadas, carregou a cruz em que foi imolado e na sua morte passou por ser a de um ladrão.

Mas, desde a última vitória no madeiro, tecida em perdão e misericórdia, consolidou o seu infinito poder sobre as Almas, e, desde esse dia, Jesus Cristo, o conquistador diferente, começou a estender o seu Divino Império no mundo, prosseguindo no serviço sublime da edificação espiritual, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul, nas mais cariadas regiões do Planeta, erguendo uma Terra aperfeiçoada e feliz, que continua a ser construída, em bases de amor e concórdia, fraternidade e justiça, acima da sombria animalidade do egoísmo e das ruínas geladas da morte, as quais, infelizmente, ainda predominam no Planetaria Terra.

II- Bilheta à Jesus

Senhor Jesus, enquanto a alegria do Natal acende luzes novas nos lares festivos, torno à velha Palestina, revendo, com os olhos da imaginação, a paisagem de tua vinda... Roma estendia fronteiras no Nilo, no Eufrates, no Reno, no Tamisa, no Danúbio, no Mar Morto, no Lago de Genezaré, nas areias do Saara. César “sossegava e protegia” os habitantes das zonas mais remotas, aliciando a simpatia dos príncipes regionais. Todos os “Deuses Indígenas” cediam a Júpiter, o dono do Olímpio, de que as águias dominadoras se faziam emissárias, tremulando no topo das galeras, cheias de Senhores e de Escravos.

Lembras-te, Senhor, de que se fazia uma grande estatística, por ordem de Augusto, o Divino? Otávio, cercado de assessores inteligentes, intensificava a centralização no mundo romano, reorganizando a administração na esfera dos serviços públicos. As circunscrições censitárias na Judéia enchiam-se de funcionários exigentes. Cadastravam-se famílias, propriedades, indústrias.

E José e Maria também se locomoveram, com os demais, para atender as determinações. A sensibilidade Israelita poderia manter-se a distância do culto de César, resistindo ao incenso com que se marcava a passagem dos triunfadores, em púrpura sanguinolenta, mas a experiência judaica, estruturada em suor e lágrimas, não se esquivaria à obediência, perante os regulamentos políticos. As estalagens, no entanto, estavam repletas e não conseguiram lugar. Em razão disso, a Estrela gloriosa, que te assinalou a chegada não brilhou sobre templos ou residências de relevo. Apenas a manjedoura singela ofereceu-te conforto e guarida.

Homens e mulheres faziam estatísticas minuciosas de haveres e interesses. Se o governo imperial decreava o recenseamento para reajustar observações e tributos, os governados da província alinhavam medidas, imprimindo modificações aos quadros da vida comum, para se subtraírem, de alguma sorte, às exigências. Permutavam-se cabras e camelos, terras e casas, reduzidos parques agrícolas e pequenas indústrias. **“Havia Espaço Mental para a Meditação nas Profecias”?** Para cumprir o dever religioso, não bastava comparecer ao Templo de Jerusalém, nos dias solenes, oferecer os sacrifícios prescritos e prosterar-se ante a oferenda sagrada, ao ressoar das trombetas? Razoável, portanto, examinar os melhores recursos e burlar as requisições do Romano dominador. **A fração do povo eleito, que se aglomerava na cidade de David, lia os Textos Sagrados, recitava Salmos e tomava apressado conselho aos Livros da Abedoria; entretanto, não considerava pecado matar o tempo em disputas e conversações infindáveis ou**

enganar o próximo com elegância possível.

Por essa razão, Senhor, quem gastaria alguns minutos para advogar proteção a Maria e José? Eles traziam a sinceridade dos que andam contigo, falavam de visitas de Anjos, de Vozes do céu, e o mundo Palestino estava absorvido no apego fanático aos bens imediatos. Comentavam-se, apaixonadamente, as listas e informações alusivas a rebanhos e fazendas. Às narrações do sonho de José ou da experiência de Zacarias, prefeririam noticiário referente à produção de farinha ou ao rendimento de pomares...

Todavia, para entregar à Humanidade a Divina Mensagem de que te fizeste o Depositário Fiel, não te feriste ao choque da indiferença. Começaste, assim mesmo na manjedoura humilde; o Apostolado de Bênçãos Eternas. O Evangelho iniciou a primeira página viva da revelação nova na estrebaria singela. A Natureza foi o primeiro marco de tua batalha, multissecular da luz contra as trevas. E enquanto prossegues, conquistando, palmo a palmo, o Espírito do Mundo, os Homens continuam fazendo estatísticas inumeráveis... Aos censos de Otávio, seguiram-se os de Tibério, aos Tibério sucederam-se arrolamentos de outros Dominadores. Depois do poderio Romano fragmentado, outras organizações autoritárias apareceram não menos tirânicas. Dilataram-se os serviços censitários, em toda a parte. As nações modernas não fazem outra coisa além da extensão do poder, melhorando a estatística que lhes diz respeito. Inventariavam-se, na antiga Judéia, ovelhas e jumentos, camelos e bois.

Hoje, porém, Jesus, o arrolamento é muito mais importante. Com o aperfeiçoamento da guerra, o censo é vital nas decisões administrativas. Antes da carnificina, arregimentam-se estatísticas de canhões, tanques e navios, aviões, metralhadoras e fuzis. Enumeram-se homens por cabeça, no serviço preparatório dos massacres e, em seguida, anotam-se feridos e mutilados. Isso, nas vanguardas de sangue, porque na retaguarda, o inventário dos grandes e pequenos negócios é talvez mais ativo. Há corridas de armamentos e bancos, valorização e desvalorização de bens móveis e imóveis, câmbio claro e câmbio escuro, concorrência leal e desleal, mercado honesto e clandestino, tudo de acordo com as estatísticas prévias que autorizam providências administrativas e regem o mecanismo da troca.

Nós sabemos que não condenas o ato de contar. Aconselhaste-nos nesse sentido, recomendando que ninguém deve abalarçar-se a qualquer construção, antes de contas rigorosas, a fim de que a obra não permaneça inacabada. **Entretanto, estamos entediados de tanto recenseamento para a morte, porque, em verdade, nunca esteve a casa dos Homens tão rica e tão pobre, tão faiscante de esplendores e tão mergulhada nas trevas, tão venturosa e tão infeliz, como agora.**

Desejávamos, Mestre, arrolar as edificações da fé, os serviços da esperança, os valores da caridade; contudo, somos ainda muito poucos no setor de interesse pelos Sonhos Reveladores e pelas Vozes do Céu. Apesar disso, sabemos que os homens, fanatizados pela estatística das formas perecíveis, examinam os gráficos, de olhos preocupados, mas erguem corações ao alto, amargurados e tristes, movimentam-se entre tabelas e números, mas torturados pela sede de infinito..... Quem sabe, Senhor, poderias voltar, consolidando a tua glória, como fizeste há quase vinte séculos? Entretanto, não nos atrevemos ao convite direto.

As “Estalagens do Mundo” estão ainda repletas de gente negociando bens transitórios e melhorando o inventário das posses exteriores. Os “Governos” estão empenhados em orçamentos e tributos. Os “Crentes” pousam olhos apressados em teu Evangelho de Redenção e “repetem fórmulas verbais, como os Judeus de Outros Tempos”, que mastigavam a Lei sem digeri-la. Quase certo que não encontrarias lugar, entre as criaturas.

E não desejamos que regresses, de novo, para nascer num estábulo, trabalhar à beira das águas, ministrar a revelação em casas e barcas de empréstimo e morrer flagelado na cruz. Trabalharemos para que a tua glória brilhe entre os Homens, para que a tua luz se faça nas consciências, porque, em verdade, Divino Mestre, que adiantaria o teu retorno se a estatística das coisas santas não oferece a menor garantia de vitória próxima? Como insistir pela tua volta pessoal e direta se na esfera dos homens ainda não existe lugar onde possas nascer, trabalhar e morrer?

III- O Encontro Divino

Quando o cavaleiro D'Arsonval, valoroso Senhor em França, se ausentou do medievo domicílio, pela primeira vez, de armadura fulgindo ao Sol, dirigia-se à Itália para solver urgente questão política. Eminente Cristão trazia consigo um propósito central – servir ao Senhor, fielmente, para encontra-lo.

Não longe de suas portas, viu surgir, de inesperado, ulceroso mendigo a estender-lhe as mãos descarnadas e súplices. Quem seria semelhante infeliz a vaguear sem rumo? Preocupava-o serviço importante, em demasia, e, sem se dignar fixa-lo, atirou lhe a bolsa farta.

O nobre cavaleiro tornou ao lar e, mais tarde, menos afortunado nos negócios, deixou de novo a casa. Demandaria a Espanha, em missão de prelados amigos, aos quais se devotara. No mesmo lugar, postava-se o infortunado pedinte, com os braços em rogativa. O fidalgo, intrigado, revolveu grande saco de viagem e dele retirou pequeno brilhante, arremessando-o ao triste caminheiro que parecia devora-lo com o olhar.

Não se passou muito tempo e o Castelão, menos feliz no círculo das finanças, necessitou viajar para a Inglaterra, onde pretendia solucionar vários problemas, alusivos à organização doméstica. No mesmo trato de solo, é surpreendido pelo amargurado leproso, cuja velha petição se ergue no ar. O cavaleiro arranca do chapéu estimada jóia de subido valor e projeta-a sobre o conhecido romeiro, orgulhosamente.

Decorridos alguns meses, o Patrão Feudal se movimenta na direção de porto distante, em busca de precioso empréstimo, destinado à própria economia, ameaçada de colapso fatal, e, no mesmo sítio, com rigorosa precisão, é interpelado pelo mendigo, cujas mãos, em chaga abertas, se voltam ansiosas para ele. D'Arsonval, extremamente dedicado à caridade, não hesita. Despe fino manto e entrega-o, de longe, receando-lhe o contacto.

Depois de um ano, premido por questões de imediato interesse, vai a Paris invocar o socorro de Autoridades e, sem qualquer alteração, é defrontado pelo mesmo Lázaro, de feição dolorida, que lhe repete a antiga súplica. O Castelão atira-lhe um gorro de alto preço, sem qualquer pausa no galope, em que seguia, presto.

Sucedem-se os dias e o Nobre Senhor, num ato de fé, abandona a respeitada residência, com séquito festivo. Representará os seus, junto à expedição de Godofredo de Bouillon, na Cruzada com que se pretendia libertar os Lugares Santos. No mesmo ângulo da estrada, era aguardado pelo mendigo, que lhe reitera a solicitação em voz mais triste. O ilustre viajor dá-lhe, então, rico farnel, sem oferecer-lhe a mínima atenção.

E, na Palestina D'Arsonval combateu valorosamente, caindo, ferido, em poder dos adversários. Torturado, combalido e separado de seus compatriotas, por anos a fio, padeceu miséria e vexame, ataques e humilhações, até que um dia, homem convertido em fantasma, torna ao lar que não o reconhece.

Propalada a falsa notícia de sua morte, a esposa deu-se pressa em substituí-lo, à frente da casa, e seus filhos, revoltados, soltaram cães agressivos que o dilaceraram, cruelmente, sem comiseração para com o pranto que lhe escoria dos olhos semimortos.

Procurando velhas afeições, sofreu repugnância e sarcasmo. Interpretado, agora, à conta de louco, o "Ex-Fidalgo", em sombrio crepúsculo, ausentou-se, em definitivo, a passos vacilantes... Seguir para onde? O mundo era pequeno demais para conter-lhe a dor. Avançava, penosamente, quando encontro o mesmo Mendigo de épocas anteriores. Relembrou a passada grandeza e atentou para si mesmo, qual se buscasse alguma coisa para dar. **Contemplou o infeliz pela primeira vez e, cruzando com ele o olhar angustiado, sentiu que aquele homem, chegado e sozinho, devia ser seu Irmão. Abriu os braços e caminhou para ele, tocado de simpatia, como se quisesse dar-lhe o calor do próprio sangue. Foi, então, que, recolhido no regaço do companheiro que considerava leproso, dele ouviu as sublimes palavras: D'Arsonval, vem a mim! Eu sou Jesus, teu amigo. Quem me procura no serviço ao próximo, mais cedo me encontra..... Enquanto me buscavas à distância, eu te aguardava, aqui tão perto! Agradeço o ouro, as jóias, o manto,**

o agasalho e o pão que me deste, mas há muitos anos te estendia os meus braços, esperando o teu próprio coração.

O “Antigo Cavaleiro” nada mais viu senão vasta senda de Luz entre a Terra e o Céu... Mas, no outro dia, quando os semeadores regressavam às lides do campo, sob a claridade da aurora, tropeçaram no orvalhado caminho com um cadáver. **D’Arsonval estava morto.**

IV- Ante o Divino Mestre

Senhor Jesus! Grandes reformadores da vida religiosa passaram no mundo antes de Ti. Sacerdotes Chineses e Hindus, Persas e Egípcios, Gregos e Judeus referiram-se à Lei, traçando diferentes “Caminhos” às cogitações humanas.

Um dos maiores de todos, Moisés, viveu entre príncipes da Ciência, fez-se condutor de multidões, plasmou sagrados princípios de justiça e, após sofrer as vicissitudes de sua época, expirou no Monte Nebo, contemplando a gleba farta que prometera ao seu povo.

Outro Senhor, o grande Siddharta, converteu-se em arrimo dos penitentes da Terra, ensinando a compaixão, depois de renunciar, ele próprio, o Bem-aventurado, às alegrias do seu palácio, para morrer, em seguida a sublimes testemunhos de simplicidade e de amor, entre flores de Kucinagara..... Todos eles passaram, induzindo os Homens à solidariedade e ao dever, exaltando o coração e purificando a inteligência.

Profetas Hebreus numerosos antecederam-te os passos, esboçando o roteiro da luz..... Alguns deles encontraram o escárnio e a flagelação em lutas enormes, confinadas, porém, ao âmbito particular do povo a que serviam.

Nenhum, no entanto, acendeu tantos conflitos com o mandato de que se faziam intérpretes, quando confrontados contigo, a quem se negou um Lar para nascer. Por onde passaste extremavam-se as paixões. Contrapondo-se ao carinho que Te consagravam as almas simples de Cafarnaum, recebeste o ódio gratuito dos Espíritos Calculistas de Jerusalém. Em Tua estrada, aglutinaram-se a fraqueza e a ingratidão, a crueldade e a secura, tecendo a rede de trevas na qual Te conduziram à Cruz entre malfeiteiros. Em oposição à tranquilidade silenciosa que se estendeu sobre a morte dos grandes enviados do Céu que Te precedera, de Teu túmulo aberto ergueu-se a Mensagem da Eternidade, gritante e magnífica, pela qual os Teus Seguidores experimentaram a perseguição e o sacrifício, em “Trezentos Anos de Sangue e Lágrimas” nos cárceres de martírio ou na humilhação dos espetáculos públicos.

É que não apenas ensinaste a bondade, praticando-a impecavelmente, mas revelaste os segredos da morte. Conversaste com as Almas padecentes, através dos enfermos que Te procuravam, transfiguraste as próprias energias no cimo do Tabor, dando ensejo a que se materializassem, diante dos Discípulos extáticos, Espíritos gloriosos de Tua Equipe Celeste. Reabriste os olhos cadaverizados do filho da viúva de Naim e trouxeste de novo à existência o Espírito de Lázaro que se achava distanciado do corpo inerte, encarecendo e exaltando a responsabilidade da Criatura, que receberá sempre de acordo com as próprias obras.

Agarrados à posse efêmera da estação terrestre, os Homens não Te perdoaram a Revelação inesquecível e Te condenaram à morte, buscando sufocar-Te a palavra, olvidando que a Tua doutrina, marcada de Amor e Perdão, já se havida incorporado para sempre aos ouvidos da Humanidade.

E, retomando-lhes os convícios, ressuscitando em Tua forma sublime, mais lhe aumentaram o espanto da consciência entenebrecida. Desde então, Senhor, acirrou-se a antinomia entre a Luz e a Treva..... Os Teus Apóstolos exibiam Fenômenos Mediúnicos maravilhosos, arrebatando a admiração e o respeito da turba que os cercava, mas bastou que no dia Pentecostes transmitissem os ensinamentos dos desencarnados, em diversas línguas, para que fossem categorizados por ébrios que o vinho fazia

desvairar.

Enquanto Paulo de Tarso, inspirado, se detinha na Acrópole sobre os grandes temas do destino, conquistava a atenção dos Atenienses ilustres, mas bastou que aludisse à “Ressurreição dos Mortos”, para que fosse abandonado por todos eles à zombaria e à solidão.

E ainda hoje, Mestre, anotamos por toda a parte o terror da responsabilidade de viver. Quase todos os Homens aceitam o apoio da religião, sempre que se lhes lisonjeie a inferioridade e se lhes endossem os caprichos no culto externo, prestigiando as “Autoridades” de superfície que lhes desaconselhem pensar. Acreditam comprar o Céu a preço de oferendas materiais ou de atitudes estudadas na convenção e imaginam que esse ou aquele inimigo está reservado aos tormentos do inferno.

Entretanto, se alguém lhes recorda a realidade, mostrando a morte como prosseguimento da vida, com a exação da Lei que confere a cada criatura o salário correspondente aos próprios atos, azeda-se-lhes o fervor, passando a abominar quantos lhes sacodem a mente entorpecida, pois não desejam evoluir.

E agora, como antigamente, associam rebeldão e vaidade para asfixiar o verbo revelador onde surja. Improvisam tentações e pavores ao redor daqueles que se dedicam à verdade, e, se esses lhes não caem nas armadilhas e se lhes não temem as ameaças, empreendem campanhas lamentáveis, em que a difamação e o ridículo funcionam por golilhas atrozes nas gargantas que desferem a palavra divina do Teu Evangelho Libertador.

Aos Espíritas, Senhor, que Te exumam as lições do acervo de cinzas do tempo, cabe agora o privilégio de semelhantes assaltos. Porque se reportam à responsabilidade da criatura, no campo da vida eterna, e porque demonstram que a sepultura é portal da imortalidade, são conduzidos ao pelourinho da execração, caluniados e escarnecidios. Como se lhes não possa interromper a existência, a fio de espada, emidendo se-lhes a Mensagem de Luz, pisa-se-lhes o coração na praça pública com as varas da mentira e do sarcasmo, para que o desânimo e o sofrimento lhes apressem o fim.

Mas sabemos que Tu, Senhor, és hoje, como ontem, o Herói do Túmulo Vazio..... Aqueles que Te colocaram suspenso na cruz, por Te negarem residência na Terra, não sabiam que Te alçavam mais alto a visão para que lhes observasses os movimentos na sombra.

Mestre Redivivo, que ainda agora enches de terrível assombro quantos estimariam que não tivesses vivido entre os Homens, fixa Teu complacente olhar sobre nós e aparta-nos das Trevas de todos os que se acomodam com a saliva da injúria.

E revigora-nos a consolação e a esperança, porque sabemos, Senhor, que, como outrora, ante os Discípulos assustados, estarás com os Teus aprendizes fiéis, em todo instante de angústia, exclamando, imper-turbável: “Tende bom ânimo! Eu estou aqui!”.

Fonte

Antologia Mediúnica do Natal- Humberto de Campos, Emmanuel, André Luiz e outros e Chico Xavier, FEB, 1967.